

O Imaginário Coletivo de Estudantes Franceses de Psicologia Acerca do Doente Mental

Miriam Tachibana

Thamy Ayouch

Daniel Beaune

Tânia Aiello Vaisberg

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Université Charles de Gaulle Lille 3

RESUMO

A literatura especializada sobre o ensino de Psicopatologia aponta a complexidade do processo de formar o futuro profissional, uma vez que se faz necessário não apenas transmitir conteúdos teóricos, como, também, favorecer o desenvolvimento de sensibilidade clínica. Assim, com o intuito de produzir conhecimento científico, que favoreça a formação do psicólogo, realizamos uma investigação psicanalítica sobre o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia franceses, acerca do paciente de saúde mental. Para tanto, foi realizada uma entrevista coletiva, da qual participaram 17 alunos do último ano da graduação, em contexto de sala de aula. Para facilitar a comunicação emocional, utilizamos um recurso mediador-dialógico, o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, a partir do qual os estudantes foram convidados a desenhar, individualmente, “um indivíduo considerado louco”, bem como a inventar uma história sobre a figura desenhada. Após o encontro, os pesquisadores redigiram uma narrativa transferencial, sobre o acontecer clínico que, considerada juntamente com os desenhos-estórias, permitiu a produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos. A partir dos campos “Isolado”, “Incurável”, “Perturbador” e “Narcisista”, observamos que, no imaginário estudado,

o louco, na medida em que visto como incurável, deve ser internado, seja porque sente necessidade de afastar-se, seja porque provoca angústia nos demais. Concluímos que o imaginário dos alunos encontra-se ancorado na lógica manicomial discriminatória, demandando um ensino de Psicopatologia que favoreça a transformação desses campos, tendo em vista permitir a superação deste posicionamento conservador.

Palavras-chaves: estudante de Psicologia; psicopatologia; saúde mental; imaginário coletivo.

O estudante de Psicologia e o fenômeno da loucura

O fenômeno da loucura já foi compreendido de diversas maneiras, ao longo da história da humanidade, de acordo com a concepção antropológica predominante em cada época. Em 1657, por exemplo, como vigorava a noção de que a loucura opunha-se à razão, constituindo fonte de desordem e de desorganização moral, foi fundado o Hospital Geral, em Paris, aonde os doentes mentais deveriam ser alojados junto aos que supostamente perturbavam a ordem social, como mendigos, portadores de doenças venéreas, dentre outros (FREITAS, 2004).

Nos anos seguintes, a França permaneceu sendo palco dos principais marcos históricos, em relação à loucura. Um deles refere-se à intervenção do médico francês Philippe Pinel, que, preocupado com a indistinção feita entre criminosos e doentes mentais, começou a descrever os comportamentos dos considerados loucos, o que fez com que fosse considerado pioneiro da Psiquiatria (MILANI e VALENTE, 2008).

Foucault (1972) analisa que, apesar da Psiquiatria ter sido desenvolvida como uma tentativa de oferecer tratamento aos doentes mentais, que, até então, estavam sendo simplesmente retirados do convívio social, por meio de internações, ela acabou reforçando a separação entre loucura e normalidade. Esta questão fica visível nos manuais psiquiátricos, nos quais os transtornos emocionais são identificados em termos de desvio social:

Relisons dans le DSM IV ce qu'il est dit des troubles de la personnalité: il est dit qu'il est un mode durable des conduites et de l'expérience vécue qui dévie notablement de ce qui est

attendu dans la culture de l'individu [...] qui est stable dans le temps et qui est source d'une souffrance ou d'une altération du fonctionnement (MEERBEECK, 2003, pp.33-34).³⁹

Entendemos que a grande ruptura epistemológica com a Psiquiatria deu-se a partir do nascimento da Psicanálise, que defendia a noção básica de que toda manifestação humana é dotada de sentido, mesmo que desperte a sensação de incompreensibilidade nos demais. Dentre os diversos autores que compõem a comunidade psicanalítica, destacamos o psicanalista inglês Donald Winnicott, para quem a sanidade e a loucura equivaleriam a um paradoxo (AIELLO-VAISBERG, 2007).

É justamente porque a concepção psicopatológica psicanalítica difere tão radicalmente daquela sustentada pela Psiquiatria, que o ensino da disciplina de Psicopatologia, ministrada nos cursos de Psicologia, é tão complexo. De um lado, há aqueles que, identificados com a Psiquiatria, defendem que, na disciplina de Psicopatologia, caberia descrever objetivamente os sinais e sintomas a serem identificados por um observador neutro e isento de subjetividade, para que, a partir daí, possa encaixar o seu paciente em uma categoria nosográfica (SERPA JUNIOR, LEAL e SILVA FILHO, 2007; CECARELLI, 2005).

De outro lado, há uma vertente que defende que o ensino da Psicopatologia demanda não apenas a transmissão de conteúdos teóricos, mas, principalmente, a introdução do aluno ao sofrimento emocional dos pacientes que se encontram em quadros psicopatológicos. Trata-se de uma perspectiva, da qual nós particularmente compartilhamos, de que o ensino da Psicopatologia pressupõe o desenvolvimento da sensibilidade clínica e da capacidade ética do aluno de Psicologia, em incluir o outro, justamente para que não assuma uma postura estereotipada e intelectualizada mediante o paciente que padece emocionalmente.

Compreendemos, desse modo, que:

³⁹ “Façamos uma releitura do que o DSM IV diz sobre os transtornos de personalidade: está escrito que seria um modo durável de condutas e de experiências vividas que desviam notadamente do que é esperado da cultura do indivíduo [...], que é estável no tempo e que é fonte de sofrimento ou de uma alteração do funcionamento” (tradução dos pesquisadores).

[...] tratando-se basicamente de propiciar o contato com experiências humanas carregadas de significado emocional, os obstáculos à aprendizagem são, desta feita, de ordem emocional e, não, como em outras áreas do conhecimento, de índole cognitivo-conceitual ou oriundos de falta de informação. Desse modo, as aulas práticas de psicopatologia devem ensejar um resgate da espontaneidade do aluno [...] (AIELLO-VAISBERG e MACHADO, 1996, p.241).

Com o intuito de favorecer esse processo complexo que configura o ensino da Psicopatologia, aos alunos de Psicologia, foi realizado, anteriormente, um estudo psicanalítico voltado aos estudantes de um curso de Psicologia de uma universidade brasileira, sobre como concebiam o doente mental (AIELLO-VAISBERG, 1999a). Na presente pesquisa, objetivou-se realizar o mesmo tipo de produção científica, enfocando, entretanto, estudantes de Psicologia franceses, que se encontram inseridos no cenário aonde foram vividos os grandes marcos da história da Psiquiatria. Desse modo, nesse estudo, objetivamos investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes franceses de Psicologia acerca do paciente considerado louco.

Encontrando um grupo de estudantes de Psicologia

Em nosso grupo de pesquisa CNPq “Atenção psicológica clínica em instituição: prevenção e intervenção”, temos desenvolvido pesquisas ao redor de um conceito metodológico, vale dizer, o de imaginário coletivo. Embora o termo “imaginário” seja usado por diferentes autores, dentre os quais Lacan e Castoriadis, vale ressaltar que, em nossa concepção, o imaginário coletivo refere-se ao conjunto de imagens, crenças e idéias que um determinado grupo sustenta, em relação a um certo fenômeno. Trata-se, desse modo, de manifestações subjetivas produzidas por um coletivo (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2006).

Assim, no presente estudo, voltamo-nos para a investigação do imaginário coletivo de estudantes de Psicologia franceses, acerca do paciente considerado louco, como uma forma de identificarmos as produções imaginativas que este grupo sustenta, em relação ao doente mental. Para tanto, entramos em contato com estudantes que se encontravam no

último ano do curso de Psicologia de uma universidade pública, situada no norte da França⁴⁰.

Em contexto de sala de aula, convidamos⁴¹ os 17 estudantes que ali se encontravam para participarem de uma entrevista grupal para abordagem do sujeito coletivo (ÁVILA; TACHIBANA; AIELLO-VAISBERG, 2007). Trata-se de um enquadre desenvolvido especialmente para a investigação de imaginários coletivos, inspirado nas consultas terapêuticas do psicanalista inglês Donald Winnicott.

Em suas consultas terapêuticas, Winnicott (1970) fazia uso de um recurso mediador-dialógico, o jogo do rabisco, por meio do qual ele e seu paciente faziam rabiscos aleatórios, em uma folha de papel, que poderiam constituir um desenho. A partir deste brincar, Winnicott acreditava que a criança conseguia aproximar-se, de maneira mais relaxada, de diversos temas angustiantes, tendo a sua comunicação emocional favorecida.

No presente estudo, o recurso mediador-dialógico da entrevista grupal foi o Procedimento de Desenhos-estórias com Tema (AIELLO-VAISBERG, 1999), que já foi utilizado em diversas pesquisas psicanalíticas sobre os mais variados imaginários coletivos (TACHIBANA, 2011; RIBEIRO, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2008; ÁVILA, TACHIBANA e AIELLO-VAISBERG, 2007). Desse modo, durante a entrevista, os estudantes foram convidados a realizarem, individualmente, um desenho segundo o tema “um indivíduo considerado louco” e, em seguida, inventar uma história para o que desenharam. Após a atividade, foi criado um espaço de diálogo em que os participantes puderam falar livremente sobre a atividade proposta, suas experiências iniciais em seus estágios clínicos, dentre outros.

Após a realização da entrevista, era necessário registrar aquilo o que fora vivido, de tal maneira que o texto pudesse ser lido, diversas vezes, permitindo o desenvolvimento de reflexões clínico-teóricas. Como partimos do paradigma intersubjetivo, compreendemos que esta comunicação deveria favorecer ao máximo a expressão das impressões, das associações e dos sentimentos despertados nos pesquisadores que realizaram a entrevista.

⁴⁰ Vale destacar que, na França, nos dois últimos anos do curso de Psicologia, os alunos são separados em especialidades, de acordo com o seu interesse. Dentre as diferentes especialidades, como a organizacional, a Psicologia do excepcional, a neurociência, dentre outras, há a de Psicopatologia psicanalítica. No presente estudo, os alunos abordados faziam exclusivamente parte da especialidade de Psicopatologia psicanalítica, o que significa que a sua formação estava toda voltada para o atendimento clínico de pacientes considerados doentes mentais.

⁴¹ Os pesquisadores que conduziram a entrevista foram Miriam Tachibana e Thamy Ayouch.

Assim, optamos pela redação de narrativas transferenciais, que não apenas já foram utilizadas em diversos estudos psicanalíticos, mas que, principalmente, já foram alvo de estudos diversos, visando compreender a sua potencialidade heurística (GRANATO e AIELLO-VAISBERG, 2004; AIELLO-VAISBERG e MACHADO, 2005).

Em seguida, o material clínico, composto pelos 17 desenhos-estórias dos alunos e as narrativas dos pesquisadores, foi compartilhado com o grupo de pesquisa dentro do qual este estudo foi desenvolvido, a fim de nos beneficiarmos da multiplicidade de olhares, tão desejada no paradigma científico intersubjetivo.

Desse modo, em contexto de grupo, o material foi considerado psicanaliticamente, isto é, interpretativamente, a fim de produzirmos o que temos denominado de “campos de sentido afetivo-emocional”. Trata-se de um conceito, desenvolvido a partir dos conceitos de “campo” de Bleger (1963) e de Herrmann (2001), que se refere à noção de que toda manifestação humana emerge em um campo, responsável em reger as suas regras lógico-emocionais. Assim, os campos de sentido afetivo-emocional equivaleriam às leis que sustentam a produção dos imaginários (AIELLO-VAISBERG e MACHADO, 2005).

Os campos de sentido afetivo-emocional

A partir da leitura interpretativa dos 17 desenhos-estórias, foi possível captar quatro campos de sentido afetivo-emocional.

O primeiro campo, denominado “Isolado”, pôde ser observado em todos os desenhos-estórias. Refere-se à crença de que o louco é uma pessoa solitária, que não se relaciona com os outros, figurando como um excluído social. Pôde-se observar esse campo não apenas por meio dos desenhos, em que o indivíduo era sempre retratado sem pessoas ao seu redor, mas, também, a partir de algumas histórias, que traziam o isolamento associado à hospitalização.

A seguir, apresentamos uma produção gráfica, na qual aparece um rapaz, com um semblante nitidamente triste, atrás de grades de uma janela de uma instituição psiquiátrica:



“O isolamento de uma pessoa considerada louca.

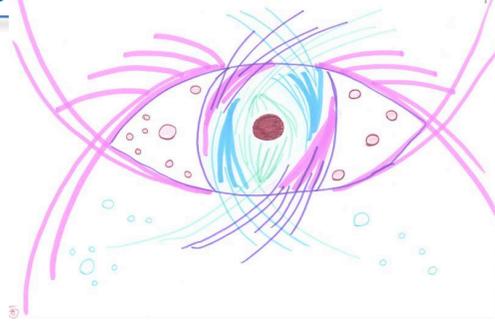
Por seu bem, nós o cercamos, para que ele possa ser cuidado”

Dentro desse campo de sentido afetivo-emocional “Isolado”, foi possível observar que as produções gráficas poderiam ser organizadas em três subcampos, sendo que em cada um deles

havia um imaginário específico sobre o que motiva o isolamento do sujeito considerado louco.

Assim, o segundo campo de sentido afetivo-emocional, intitulado “Incurável”, é regido pela regra lógico-emocional de que o doente mental é aquele que se encontra tão desvitalizado e passivo que não apresentaria progressos em sua vida. Vê-se, dessa maneira, que, no imaginário coletivo dos estudantes, o louco seria um sujeito inacessível, demandando, como única solução, o enclausuramento hospitalar.

Para ilustrar, selecionamos o desenho-estória abaixo:



“Esta pessoa é louca em sua dificuldade de gerar seus medos, seus deveres, seu amor, sua dualidade e seu viver, vivendo um eterno recomeço, que a suga e a deixa alienada em sua loucura. Ele levanta questões para as quais não há respostas ou soluções. Assim, deve ser levado a um endereço especial, um local onde poderá ficar melhor”.

O terceiro campo de sentido-afetivo emocional, denominado “Perturbador”, é definido pela crença de que ser louco é provocar a angústia no outro, despertando-lhe a sensação de enlouquecimento. Assim, no imaginário coletivo do grupo estudado, o indivíduo considerado doente mental pode despertar, no outro, a sensação de invasão, contaminando-o com o seu sofrimento emocional.

No seguinte desenho-estória, no qual aparece um olho, essa questão fica evidente:

“Se o olho é o reflexo da alma, aqui está o homem que me olha. Intrigante e transbordante, ele explode e me invade com a sua loucura. Meu olhar e o dele acabam se misturando (...).

Esse olho de causa medo, me deixando inquieta. O que me diz esse olho?

Sou eu quem ele olha ou sou eu que o olha? Quem sou eu?”

O quarto campo de sentido afetivo-emocional, nomeado “Narcisista”, é regido pela

regra lógico-emocional de que ser louco é não conseguir lidar com as exigências do mundo, assumindo uma postura retraída como estratégia de sobrevivência emocional. Assim, o indivíduo considerado doente mental seria isolado socialmente porque ele teria sido incapaz de relacionar-se com o mundo, adotando um movimento narcisista. Para ilustrar, selecionamos o seguinte desenho-estória, em que aparece uma pessoa bastante curvada, dentro de um círculo, que a mantém distante dos outros, que se encontram fora dele.

“Esta é a história de uma pessoa que não conseguiu encontrar suas satisfações no mundo. É a história de uma vida em que o ser retornou para onde se sentia seguro. Como não conseguia administrar seus sentimentos e suas frustrações, fechou-se, de modo tão incompreensível, como numa fuga”.



Dialogando com os campos de sentido afetivo-emocional

Para “dialogarmos” com os campos de sentido afetivo-emocional, cabe lembrarmos, como bem pontua Bleger (1963), qual foi o enquadre a partir do qual esses campos emergiram. Se pensarmos que os participantes eram todos estudantes do último ano do curso de Psicologia, que estavam se especializando em Psicopatologia psicanalítica e realizando atendimentos clínicos supervisionados em equipamentos de saúde mental diversos, é surpreendente o fato de que, em nenhum dos desenhos-estórias, tenha sido associado, ao louco, a figura do psicólogo. É como se, por meio das produções gráficas, os alunos tivessem nos comunicados a sua crença de que o indivíduo que se encontra, num quadro psicopatológico, não corresponderia a um paciente a ser beneficiado pela clínica psicológica.

Esse imaginário fica maximamente presente no campo “Incurável”, em que o louco é tido como um paciente emocionalmente estagnado, a quem só caberia a hospitalização. Por

um lado, podemos pensar que esse imaginário dos alunos esteja ancorado na leitura freudiana clássica de que a psicose seria inalisável (FREUD, 1923).

Por outro lado, cabe pensarmos que, talvez, os estudantes tenham associado os doentes mentais, a instituições hospitalares, devido a uma sensação pessoal de impotência. É como se o grupo estudado tivesse nos comunicado, por meio da imagem do louco institucionalizado, sua desesperança, tanto em relação à evolução do paciente tido psiquiátrico, quanto em relação a sua capacidade de sustentá-lo, favorecendo o seu desenvolvimento emocional.

Independentemente se o “fracassado”, nesta relação estabelecida entre o estudante de Psicologia e o paciente considerado doente mental, seria o primeiro ou o segundo, observamos que, no imaginário coletivo dos participantes, esse vínculo seria fadado ao fracasso. Trata-se de uma questão que fica bastante evidente no campo “Perturbador”, em que o louco é tido como alguém que desperta a sensação de enlouquecimento nos outros: é como se, ao invés dos outros serem capazes de auxiliá-lo, ocorresse o contrário, com os outros enlouquecendo junto com ele, tal como num contágio.

É interessante destacar que, durante a entrevista coletiva, de fato os alunos comentaram, espontaneamente, que se sentiam desconfortáveis quando seus pacientes doentes mentais ficavam olhando-os fixamente, fazendo com que se sentissem eles próprios os pacientes de seus pacientes. Nesse momento, um dos alunos até comentou que, para fazer frente à sensação de angústia que o acometia, ele fazia anotações, em um pequeno caderno que carregava consigo. Nessa hora, toda a sala ficou bastante interessada, perguntando-lhe mais sobre essa estratégia que ele havia criado, denotando claramente o mal-estar emocional frente ao paciente tido como louco, como se, para estar com ele, fosse necessário um “escudo”.

Em relação ao último campo, “Narcisista”, em que o louco é concebido como alguém que se afasta dos outros, num retraimento emocional, vemos que, no imaginário coletivo dos alunos, seria o doente mental o maior responsável pelo seu isolamento social. Desde esta perspectiva, não seria a sociedade quem excluiria os doentes mentais, internando-os em instituições, considerando-os não cidadãos desvitalizados e improdutivos ou figuras emocionalmente ameaçadoras, como notamos nos campos anteriores: seria o próprio doente quem estaria se retirando da sociedade, mantendo-se numa postura alienada.

Observamos assim que, no imaginário do grupo estudado, o doente mental não

seria vítima de exclusão social, sofrendo por estar às margens da sociedade. Além disso, o ambiente tampouco teria falhado com esse indivíduo, promovendo o seu quadro psicopatológico, uma vez que teria sido ele que não teria conseguido administrar seus sentimentos e frustrações, como se o problema decorresse de seus “conteúdos internos”.

Desde esta perspectiva, pode-se pensar que os estudantes apresentaram a crença de que o doente mental desejaria a internação ou não se importaria em ficar hospitalizado, já que ele próprio estaria desconectado do ambiente vivido. Trata-se de um imaginário que pode estar articulado com o discurso dos especialistas da área de saúde mental, que são a favor da hospitalização, dentre os quais destacamos Laugier e Toliou (2009): segundo eles, a internação em hospitais psiquiátricos pode fazer com que os pacientes se sintam protegidos, em relação ao mundo, como se os muros hospitalares complementassem as suas defesas frágeis.

Considerações finais

A partir deste estudo, observamos que, no imaginário coletivo dos estudantes franceses de Psicologia, o indivíduo considerado louco é concebido como um ser isolado, que muitas vezes demanda ser hospitalizado, ora porque é invasivo com os outros, ora porque encontra-se desvitalizado e inacessível aos outros, ora porque ele próprio parece ter escolhido isolar-se do mundo.

Podemos pensar que, talvez, esse imaginário esteja fortemente ancorado no imaginário predominante, nos séculos anteriores, em que, ao doente mental, caberia a internação, de modo que a cronificação de seu quadro não ocorresse em contato direto com a população em geral (BING, 2007; CARVALHO e COSTA, 2007; SILVEIRA e THEISEN-SIMANKE, 2009).

Vemos, desse modo, que, a despeito de todos os esforços atuais para diminuir a distância entre a normalidade e a loucura, a lógica manicomial parece fazer parte do imaginário coletivo dos estudantes de Psicologia. Como destacam Nunes e Torrenté:

Muitos dos esforços dirigidos à mudanças das formas de cuidado e às estratégias de inclusão social de pessoas portadoras de transtorno mental têm tido como perspectiva garantir-lhes um novo lugar na sociedade [...]. Apesar desse investimento de uma política de saúde mental, transformações

culturais não acontecem na sociedade em resposta imediata a mudanças de legislação (...) (NUNES e TORRENTÉ, 2009, p.102).

Vemos, dessa maneira, que, apesar do curso de Psicologia, em especial a disciplina de Psicopatologia psicanalítica, transmitir conhecimentos, aos alunos, acerca da continuidade que haveria entre normalidade e loucura, visando desenvolver neles a capacidade ética de incluir o doente mental, é necessário recorrer a estratégias que não sejam meramente informativas. Conforme observado na presente pesquisa e em estudo realizado anteriormente (AIELLO-VAISBERG, 1999b), vê-se a necessidade de estratégias que favoreçam que os estudantes entrem em contato com os seus imaginários (muitas vezes camuflados em discursos politicamente corretos, apreendidos em sala de aula), para que, a partir daí, possam vivenciar verdadeiras transformações de imaginários.

REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. **Encontro com a loucura**: transicionalidade e ensino de psicopatologia. 1999a. 342p. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. O uso do objeto “teoria: desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de Psicologia sobre o doente mental. **Interações**, São Paulo, v.4, n.7,77-97, 1999b.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. **Paradoxo e loucura**: a radicalidade do pensamento psicopatológico de D.W. Winnicott. Trabalho apresentado no XVII Encontro Latino-Americano sobre o pensamento de D.W.Winnicott, 2007.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José; AMBROSIO, Fabiana Follador. Os imaginários como mundo transicionais. In _____ (Orgs). **Cadernos Ser e Fazer**: os imaginários como mundos transicionais. São Paulo: IPUSP, 2006.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José; MACHADO, Maria Christina Lousada. Transicionalidade e ensino de Psicopatologia: pensando “aulas práticas” com Winnicott. In CATAFESTA, Ivonise Ferandes da Motta (Org.). **O verdadeiro e o falso**: a tradição

independente na Psicanálise contemporânea (pp.239-252). São Paulo: IPUSP, 1996.

AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José; MACHADO, Maria Christina Lousada.

Narrativa: o gesto do sonhador brincante. Trabalho apresentado no Congresso Estados Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro, RJ.

ALVERGA, Alex Reinecke; DIMENSTEIN, Magda. A reforma psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura. **Interface**, Botucatu, v.10, n.20, 299-316, 2006.

ÁVILA, Camila Ferreira; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre o aluno com deficiência. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.18, n.39, 155-164, 2008.

BING, François. Folie et guérison: elements d'histoire. **Figures de la Psychanalyse**, v.1, n.15, 131-137, 2007.

BLEGER, José. **Psicologia da conduta** (Tradução de Emília de Oliveira Diehl). Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 138p.

CARVALHO, Isalena Santos; COSTA, Ileno Izídio; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia. Psicose e sociedade: intersecções necessárias para a compreensão da crise. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v.7, n.1, 163-189.

CECCARELLI, Paulo. O sofrimento psíquico na perspectiva da Psicopatologia Fundamental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.10, n.3, 471-477, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard, 1972.

FREITAS, Fernando Ferreira Pinto de. A história da Psiquiatria não contada por Foucault. **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, 75-91, 2004.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. **Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, volume XIX, 1923.

GRANATO, Tania Mara Marques; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. Tecendo a pesquisa clínica em narrativas psicanalíticas. **Mudanças psicologia da saúde**, São Bernardo, v.12, n.2, p.253-271, 2004.

HERMMANN, Fabio. **Introdução à teoria dos campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 211p.

LAUGIER, Françoise; TOLIOU, Anastasia. Penser les soin spécifiques des patients institutionnalisés au long cours. **Psychothérapie**, v.29, n.3, 175-186, 2009.

MEERBEECK, Philippe Van. Comment penser les folies actuelles? **Cahier de Psychologie Clinique**, v.3, n.21, 23-45, 2003.

MILLANI, Helena de Fátima Bernardes; VALENTE, Maria Luisa de Castro. O caminho da loucura e a transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. **Revista Eletrônica de Saúde Mental, Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v.4, n.4, 1-19, 2008.

NUNES, Mônica; TORRENTÉ, Maurice de. Estigma e violências no trato com a loucura: narrativas de centros de atenção psicossocial, Bahia e Sergipe. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.43, n.1, 101-108, 2009.

RIBEIRO, Diana Pancini de Sá; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. A experiência emocional do estudante de Psicologia frente à primeira entrevista clínica. **Aletheia**, Canoas, 28, 135-145, 2008.

SERPA, Octavio Domont de Serpa; LEAL, Erotildes Maria; LOUZADA, Rita de Cássia Ramos; SILVA FILHO, João Ferreira da. A inclusão da subjetividade no ensino da Psicopatologia. **Interface**, Botucatu, v.11, n.22, 207-222, 2007.

SILVEIRA, Fernando de; SIMANKE, Richard Theisen. A Psicologia em História da Loucura de Michel Foucault. **Fractal**, Niterói, v.21, n.1, 23-42, 2009.

TACHIBANA, Miriam. **Fim do mundo**: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem acerca da gravidez interrompida. 2011. 167p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

WINNICOTT, Donald Woods. **Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil**. (Tradução de Joseti Marques Xisto Cunha). Rio de Janeiro: Imago editora, 1970. 426p.